

YERMA



LORCA

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS — GRUPO DIVULGAÇÃO

LORCA

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS — GRUPO DIVULGAÇÃO

LÚCIA

A NOVA BOSSA DA CIDADE

sente-se honrada, colaborando na realização deste espetáculo de elevado nível artístico.

Lúcia: requinte de bom gosto em artigos de cama e mesa.

Ofereça um presente **Lúcia** e pague tudo pelo **Crediário**. Você faz um enxoval de classe e tem até 36 meses para pagar.

SHOPING CENTER — **ao lado da Escada Rolante**

Wilson, Irmãos, Ltda.

WILSON CALÇADOS

Artigos Finos
criações
Exclusivas

Fone 2-5487 — Juiz de Fora-MG
Rua Marechal Deodoro, 359

FEDERICO GARCIA
LORCA

Quero dormir um pouco;
Um pouco, um minuto, um século.
Porém, que todos saibam que estou vivo.
Que há cavalos dourados nos meus lábios;
Que sou o pequeno amigo do Vento do Oeste;
Que sou a sombra imensa de minhas lágrimas.

(tradução de Renata Pallotini.)

“Assim vi a Federico
Entre dois canos de arma
A fitar-me estranhamente
Como querendo falar-me
Hoje sei que teve medo
Diante do inesperado
E foi maior seu martírio
Do que a tortura da carne
Hoje sei que teve medo
Mas sei que não foi convarde
Pela curiosa maneira
Com que de longe me olhava
Como quem me diz: a morte
É sempre desagradável
Mas antes morrer ciente
Do que viver enganado”

(excerto do poema A Morte de Ma-
drugada, de Vinícius de Moraes)

CURSO 2001 reverencia Federico García Lorca e
congratula-se pela exibição de YERMA

CURSO 2001 — Preparatório para o ICHL
Halfeld, 610 — grupo 316 — Shopping Center Solar

FEDERICO GARCIA LORCA

Cronologia

- 1889 — Nascimento a 5 ou 11 de junho, em Fuente Vaqueros (Granada)
Prenome: Federico del Sagrado Corazón
Primeiro filho de Federico García Rodríguez e de Vicenta
Lorca Romero todos dois de origem granadina.
Morte de Mallarmé em Valvins
“Geração de 98”: Unamuno, Ganivet, Valle-Inclán, Benavente, Antonio Machado
Morte de Angel Ganivet em Riga
- 1908 — Aluno do liceu de Almeria
- 1915 — Entra na Universidade de Granada, onde estuda paralelamente a filosofia, as letras
e o direito. Faz parte da elite intelectual e artística de Granada. Toma lições de
piano e guitarra.
- 1916 — Primeiras poesias
- 1917 — Fevereiro: “Le boletín del Centro Artístico de Granada” publica seu primeiro es-
tudo literário (sobre o centenário de Zorrilla)
- 1918 — “Impresiones y paisajes” publicado às custas do autor.
- 1919 — Madri — Cidade Universitária: prossegue seus estudos até 1928. Amizade com
Juan Ramón Jiménez, Eduardo Marquina, Gregorio Martínez Sierra. Trava estre-
tas relações com Luis Buñuel, Salvador Dalí, José Bergamín, Rafael Alberti e Er-
nesto Haffer
- 1921 — “Libro de Poemas” dedicado a seu irmão Francisco. Começa a escrever “Canciones”.
- 1922 — 13 e 14 de junho: Festa do Cante Jondo, organizada em Granada em colaboração
por Manuel de Falla. ,
Começa a escrever “Poema del cante jondo”
Publicação da “Segunda Antología poética” (1898-1918) de Juan Ramón Jiménez.
- 1923 — “Festa para as crianças” em Granada, organizada com Manuel de Falla em Gra-
nada (a 5 de janeiro)
Bacharel em direito em Granada
Artigo de Melchor Fernández Almagro: “O mundo lírico de García Lorca” (“Espa-
ña”, Madri, 13 de outubro)
13 de Setembro: o general Primo de Rivera toma o poder à testa de um Diretório.
Ditadura
Destituição de Fernando de los Rios, mestre e protetor de Lorca, como professor de
Direito na Universidade de Granada.
- 1924 — Fevereiro: Unamuno é deportado para as Canárias
Lorca termina “Canciones” e começa o “Romancero Gitan”
Projetada a comédia “Doña Rosita la soltera o el lenguaje de las flores”



**CIA INDUSTRIAL E CONSTRUTORA
PANTALEONE ARCURI**

**78 anos construindo Juiz de Fora
Rua Espírito Santo. 444**

giro s.a.



Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários
Carta Patente n. A 68/3092 do Banco Central do Brasil
Rua Halfeld, 808 - Fones: 2-3406 - 2-3530 - 2-0633
Juiz de Fora

- 1925 — Termina, em Granada, a terceira versão de "Mariana Pineda"
Início da correspondência com Jorge Guillén
Primeira viagem a Cadaqués, à casa de Dalí. Leitura de
"Mariana Pineda" para a família de Dalí e mais alguns amigos íntimos.
- 1926 — Trabalha "Romancero Gitan"
Janeiro: "Ode a Salvador Dalí", publicada na "Revista de Occidente" (Madri, XII)
Livros em preparo: "Suites", "Canciones", "Cante Jondo",
"Romancero Gitan"
Primeira versão de "La zapatera prodigiosa"
Outubro: Homenagem a Soto Rojas Conferência pronunciada em o Ateneu de
Granada e publicada no "El defensor de Granada"
- 1927 — "Geração de 27". (Pedro Salinas, Jorge Guillén, Gerardo Diego, Dámaso Alonso,
Vicente Aleixandre, Rafael Alberti, Moreno Villa, Luis Cernuda, Emilio Prados,
Manoel Altolaguirre, Juan Larrea, Pedro Garfias)
Publicação de vinte e quatro alexandrinos sob o título "La sirena y el carabiniere"
Abril: Publicação de "Vineas flamencas" na revista "Verso e Prosa"
(fragmentos) em "La Gaceta Literaria" (19 de março)
Abril: Publicação de "Vinetas flamencas" na revista "Verso e Prosa"
"Canciones" (1921 — 1924)
Maio: segunda temporada em Cadaqués, na casa de Dalí.
Junho: Première de "Mariana Pineda" em Barcelona. Cenários de Dalí.
Exposição de 24 desenhos de Lorca na galeria Dalmau em Barcelona.
Dezembro: Leitura de poemas no Ateneu de Sevilla.
Tricentenário da morte de Góngora. Escreve "A imagem poetica de Luis de
Góngora" (Leitura do texto em Granada)
- 1928 — Fevereiro: nascimento da revista "Gallo", em Granada. Ilustração de Dalí e textos
de Lorca e de seus amigos.
Agosto: "Primeiro Romancero Gitano" (1924 — 1927) (Madri, "Revista de Occi-
dente")
Setembro: Publicação de "Mariana Pineda" (Madri, "La Farsa")
Outubro: Conferência em Granada ("Imaginação, inspiração, evasão")
Dezembro: Conferência em Madri ("As nanas infantis")
- 1929 — Fevereiro: Segunda edição de "Canciones" ("Revista de Occidente")
Vai a Nova Iorque. Itinerário: Madri, Paris, Londres, Oxford, Escócia, Nova
Iorque.
Verão: Estudantes na Universidade de Colúmbia em Nova Iorque. Amizade com Fe-
derico de Onís (da Universidade de Columbia) e com Leon Felipe (Universidade de
Cornell)
Fins de Verão: em Catskill Mountains
Outubro: Volta à Universidade de Colúmbia
Comoõe os primeiros poemas americanos ("Poeta em Nueva York). Descoberta
de New York (museus, teatros, cinemas, bairros judeus e negros. Harlem)

R. L. CONTABILIDADE
de
RAUL LOPES FILHO
Rua Marechal Deodoro, 342
Telefone 2-0516
Legalização de firmas
Contabilidade em geral

Miami
JUIZ DE FORA

Artigos para presentes
últimas criações!
rua halfeld, 733 — fone 2-3733
juiz de Fora

- 1930 — New York — Faz amizade com André Sagovia. Conferências na Universidade de Colúmbia e no Vasar College. Frequente Ignacio Sánchez Mejias. Inicia o trabalho "A zapatera prodigiosa".
Primavera: Viaja para Cuba, convidado pela Instituição Hispanocubana de Cultura, onde pronuncia quatro conferências: Teoría y juego del duende, Soto de Rojas, "Lo que canta una ciudad de noviembre a noviembre", "Las nanas infantiles." Reata sua amizade com Adolfo Salazar, que estava em Cuba. Escreve "Fragmentos de prosa de um tipo curiosamente surrealista" e algumas cenas de "Así que pasen cinco años". Publica "La degollación del Bautista", na Revista Avance, de Havana e o "Som de Negros", em Musicalia, da mesma cidade.
Verão: retorna à Espanha.
- 1931 — Efervescente política na Espanha. 12 de abril: eleições municipais, triunfo parcial dos republicanos. Manifestações nas ruas. 14 de abril: proclamação da República.
Alfonso XIII toma o caminho do exílio.
23 de maio: Publica em Madri o "Poema del cante jondo", com dedicatória à Salvador Quintero, Carlos Morla Vicuna, Francisco Iglesias, Eugenio Montes, Máximo Quijano, Manoel Torres (Niño de Jerez), Migual Benztez. Pilar Zubiaurre, Regino Sainz de la Maza. Conferência em Salamanca "Arquitetura del cante jondo".
Escreve "Retabillo de Don Cristobal". Termina "Así que pasen cinco años". Começa o trabalho em Amor de don Perlimpin.
Setembro: Vitória eleitoral de Cossio (republicano), sobre Primo de Rivera (candidato da direita).
Outubro: Representação privada de um filme de Bunuel — Dali "L'Age d'or." Lorca declara que este filme contém coisas maravilhosas.
- 1932 — É FUNDADO LA BARRACA. teatro de universitários espanhóis, dirigido por Lorca e Eduardo Ugart; divulgando na Espanha "La vida es un sueño" auto de Calderón "Fuenteovejuna", de Lope de Vega; "El burlador" de Molina; as entremesses de Cervantes, etc.
Verão: escreve "Bodas de Sangue".
Setembro. leitura de "Bodas de Sangue" na casa de Carlos Morla.
- 1933 — Fr. Roosevelt, presidente dos Estados Unidos.
Adolf Hitler, chanceler.
8 de março: a Companhia de Josefina Díaz de Artigos estréia "Bodas de Sangue", no Teatro Beatri, em Madrid.
5 de abril: estréia de "Amor de Don Perlimpin con Belisa en su jardín". Colabora nas representações de "El amor brujo", de Falla.
Setembro: Empreende viagem pela América do Sul (Argentina, Urugual e Brasil).
É convidado para assistir em Buenos Aires, à representação de "Bodas de Sangue", com Lola Membrives, e, a dar conferências. É representado também. "La zapatera prodigiosa", e "Mariana Pineda".
Dirige "La Dama boba" de Lope de Vega.
Todos os representantes das repúblicas do continente rendem homenagem a Lorea

DELMONTE

“ 2001
 “ 388
 “ avenida
 o sapato de bom
 gosto no endereço
 conhecido!

em sua viagem triunfal a Buenos Aires.

Amizade com Victorio Ocampo, Amorim. Blanco Amor, González Carbalho, Suero Molinari.

Publica “Canto Noturno de los marineros andaluces em La Nación, de Buenos Aires”.

Faz um discurso com Pablo Neruda. no Pen Club, em memória de Rubén Darío.

1934 — Abril: Lorca retorna à Espanha. Agitação social e clima político sombrio.

Junho: Lorca e Neruda, amigos inseparáveis m Madri.

Agosto: dia 11, Ignacio Sánchez Mejías é ferido por um touro na arena de Manzanases. Morre dois dias mais tarde em um hospital de Madri.

Novembro: Lorca escreve “Llanto por Ignacio Sánchez Mejias” em memória de seu amigo, o matador intelectual.

29 de dezembro: Margarida Xirgu estréia YERMA, no teatro Español de Burmann. Começa a escrever “Doña Rosita la soltera”.

1935 — Os atores de Madri solicitam a Margarida Xirgu para que interprete YERMA em récita especial.

É oferecido um banquete em homenagem à Garcia Lorca, pelo êxito de YERMA. O poeta renuncia à homenagem. Com este motivo, mediante a uma nota. testemunham a homenagem ao autor de YERMA, Victorio Macho, Juan Ramón Jiménez, Alejandro Casona. Adolfo Salazar, RamEn del Valle-Inclán, etc.

12 de março: É apresentado “Llanto por Ignacio Sánchez Mejías”, no teatro Espanhol em comemoração à centésima apresentação de Yerma, no mesmo teatro.

Estréia da versão ampliada de La zapatera prodigiosa, no Coliseu de Madri, por Lola Membrives.

Publica: De mar a mar, em homenagem ao poeta Feliciano Rolán e Tierra y luna en El Tiempo Presente.

2 de abril: Última apresentação de YERMA no teatro Espanhol de Madri.

23 de maio: Federico García Lorca promete a uns amigos fazer a leitura de “Doña Rosita”.

Publica em El Sol, de Madri. “Conversa sobre teatro”.

Publica seis poemas galegos.

Estréia em Nova York “Bodas de Sangue” (Bitter Oleander)

Agosto: termina “Doña Rosita la soltera”, pouco antes de 14 de agosto.

Setembro: Barcelona — Leitura privada, no teatro Studium, de “Doña Rosita El Lenguaje de las flores”, com a Companhia de Teatro de Margarida Xirgu.

13 de dezembro: “Estréia de Doña Rosita la soltera”.

Publica em Almanaque literário. vários poemas inéditos:

Gazela del amor con cien años. Gacela del mercado matutino, Casida de la mujer tendida. Casida de la muerte clara (Gacela de la huida).

1936 — Situação grave na Espanha, clima revolucionário, greves gerais, assassinatos, ateados... Lorca renuncia a seu projeto de viajar para o México.

Fevereiro: eleições; a direita no poder.

Dissolução das cortes: o presidente Alcalá Zamora é destituído. Lutas, anarquias, marasmo econômico.

Publica a "Gacela de la muerte clara", com o título de "Casida de la huida".

Abril: Publica "Primeiras canciones".

Maior: projeta nova viagem à Nova York e México. No México presencia estréias de suas obras e faz uma conferência sobre Quevedo.

Manual Azaña, presidente da República. As ruas são o centro de ação política. Complôs militares. Dia 22 Lorca assiste a um banquete em homenagem a três escritores franceses vindos a Madri como representantes da Frente Popular de seu país: Jean Cassou, André Malraux e Lenormand.

19 de junho: termina sua última peça "A casa de Bernarda Alba". A leitura desta peça é feita na casa do doutor Eusébio Oliver. Ensaia Así que pasen cinco anos, com o propósito de estrelá-lo.

Julho: dia 12 — Assassinato de José Calvo Sotelo, chefe da oposição (Renovação Espanhola). A ausência de Lorca inquieta seus amigos: "Fazem alguns dias que nós não o vimos, mais ele ainda não deve ter partido para Granada". Após ter hesitado, Lorca finalmente deixa Madri e vai para Granada acompanhado por Luis Rosales que o aconselhou esta viagem. Em Granada vai para "Huerta de San Vincente".

Dia 18 — A armada da África se levanta contra o govêrno: pronunciamiento de Melilla. Comêço da guerra civil. Lorca se reunia na casa de Luis Rosales.

Agosto dia 17: Lorca é conduzido ao govêrno civil. Wells em nome do Pen Club Internacional, envia um telegrama ao general Valdés, novo governador civil de Granada, pedindo-lhe garantia pela vida do prisioneiro. Miguel Rosales solicita uma entrevista com o governador. Pede urgentes intervenções diante do perigo que corre o poeta granadense.

Dia 18: condenado, Lorca exprime à Miguel Rosales sua vontade de ver um padre.

Dia 19: ASSASSINATO DE LORCA, na aurora, à beira de um barranco entre Viznar e Alfacar, morre FEDERICO GARCIA LORCA. Em setembro, é anunciado pelas ruas de Madri nas vozes dos jornaleiros, a notícia da morte de FEDERICO GARCIA LORCA.

tele-rádio e presentex
duas lojas para servir melhor!
— peças para rádios e televisores
— discos e artigos para presentes
halfeld, 652 e 654

FEDERICO GARCIA LORCA, POETA

Maria Lucia Rocha Ribeiro

Cantado por inúmeros poetas, chorado pela literatura universal Federico Garcia Lorca, poeta espanhol, por excelência, tem ao redor de si uma auréola de mistério. Seu assassinato em 1936, fuzilado durante a Guerra Civil Espanhola, decepcionou aos 38 anos, uma árvore cujas raízes faziam brotar em pleno vigor, das mais belas e profundas obras poéticas de nosso século.

Lorca atingia, então, a plenitude de sua natureza poética, e seu desaparecimento trágico não poderia deixar de despertar profunda onda de revolta na inteligência universal.

Foi ele, como tantos outros intelectuais, vítima do terrorismo cultural, que se instalou na Espanha, durante a guerra. Foi ele, vítima dos homens cuja voz ele buscava na profundidade de sua inquietação artística e de cujo som nasciam seus poemas, suas melodias, suas obras dramáticas, seus desenhos: "Amo la voz humana. La sola voz humana empobrecida por el amor y desligada de paisajes que matam. La voz debe desligares de las armosias de las casas y del concierto de la natureza para fluir su sola nota. La poesia es otro mundo. Há que cerrar las puertas por donde se escapa a los oidos bajos y a las lenguas desatadas. Hay que encerrarse com ella. Y alli dejar sonar la voz divina y pobre, mientras cegamos el surtidor".

Federico foi o cantor da Espanha, do povo espanhol e por ele sacrificou-se. Sendo o mais apolítico dos poetas transformou-se repentinamente num inimigo da revolução. Fruto da profundidade de sua compreensão do sentimento popular que, dentro do mais profundo lirismo refletia a atrocidade que estava sendo cometida. A única afirmativa de Lorca que seus inimigos poderiam pontilhar de cunho político ou ideológico, foi feita a sua irmã, Conchita Garcia Lorca, e dizia simplesmente: "Soy del partido de los pobres". Afirmativa bastante vasta e bastante humana, para que fosse calada a tiros de fusil...

Todavia, suas obras foram banidas da Espanha durante vinte e quatro anos e apesar das recentes afirmações do govêrno espanhol só agora voltam a ser liberadas.

O jornalista italiano Gianni Totti, tendo em vista a insatisfação universal gerada pelo mistério com que se acha revestido o desaparecimento do grande poeta, dirige-se à Granada e Fuentes Vaqueiros e colhe depoimentos de amigos, aldeões e parentes de Garcia Lorca. Toma, então conhecimento da nova posição da Espanha frente a seu cantor máximo. O próprio Franco em entrevista concedida por ocasião do liberamento de "Yerma", faz questão de "lavar as mãos" da Revolução, isentando-a de qualquer culpabilidade na morte do poeta; "Para mim Garcia Lorca não foi nem vivo, nem morto. um adversário político. Desejo que estas coisas sejam conhecidas e que se saiba que a Revolução de 1936, foi apenas testemunha não protagonista da morte do poeta. Creio numa vindita de província: a guerra foi somente o ensejo".

A versão da vindita já se tornou uma constante entre os aldeões de Fuente Vaqueros, e os parentes silenciam ou deixam qualquer compreensão nas entrelinhas. Trata-se de um provável desentendimento, já bem antigo, entre ramos frágeis da família Garcia

Segundo a estória corrente, uma falsa notícia da prisão e morte de Jacinto Benavente, dramaturgo amigo de Garcia Lorca, teria alarmado sua família, já aterrorizada com o fuzilamento de Manuel Montezinos, médico e prefeito socialista, marido de sua irmã Conchita. Temendo por sua segurança, seus pais fazem com que deixe Huerta San Vicente, uma granja nas imediações de Granada, pertencente a seus parentes, onde o poeta se encontrava. A casa de amigos falangistas, é o local mais seguro, pois evitaria qualquer suspeita. E Federico dirige-se para a rua do Ângulo onde mora a família Rosales Vallesillos cujo filho, Luiz, poeta amigo de Lorca, nutria contra ele profunda inveja provocada pelo sucesso literário de Federico.

A exaltação de ânimos devido à revolução faz com que à maneira dos bárbaros desencadeie-se uma verdadeira onda de destruição de obras literárias. Livrarias são depredadas e obras queimadas em praça pública. Os livros de Federico Garcia Lorca sofrem o mesmo destino de tantos outros que se consomem nas chamas. A falsa notícia da prisão de Benavente e sua conhecida amizade com o poeta, faz com que em Granada, Ramon Luiz Alonso, um tipógrafo feito deputado da formação de direita, denuncie-o aos falangistas.

No dia seguinte, a "Banda Negra" após as devidas providências dirige-se à casa do poeta, à Rua Santo Antonio, 26. Ali chegando Conchita, irmã de Federico, temendo pela segurança de seus pais e irmãos e tendo presentes as palavras de Jorge Guillen, grande amigo de Lorca: "Em caso de Revolta se há um só espanhol que se salva será Federico", dá o endereço da rua dos Ângulos.

Para lá se dirigem os falangistas aprisionando com facilidade Garcia Lorca. Nenhuma reação por parte da família Rosales Vallesillos. Federico é conduzido à prisão de onde não mais retorna.

"El matador", segundo os Camponenses, foi Don Antonio Benavides, herdeiro da primeira esposa do pai de Federico, e que esperava a morte de Garcia, para que pudesse fazer jus a uma herança. Assim a estória que corre em Granada. Inveja e ambição aproveitaram-se do cenário fornecido pela revolução, para lançar suas garras sobre grande poeta.

Há todavia, uma série de contradições, incoerências e pontos obscuros em toda a trama. A ordem de prisão foi assinada pelo governador após consultar as mais altas hierarquias falangistas, de nada adiantando os apelos de H.G. Wells em nome do Pen Club International ou de Miguel Rosales. Teria Benavides tão grande prestígio?

O escrito católico José Bergamín declara em 1936: "Lo asesinaron cobardemente. Sacandolo a la madrugada de la casa e fuzilandolo en la carretera, dejandolo allí em la cuneta. La ordem de muerte fué firmada por la autoridad que representaba al Gobierno de Franco. Que conte así. Los instigadores del crime fueron las llamadas juventudes católicas, instigadas a la violencia criminal (a la Cruzada) por sus autoridades eclesiasticas. Que esto conste también e ainda, "A Federico Garcia Lorca o asesinaron quienes han

asesinado a Espana em sus pueblos vivos. Quienes por la traición cínica la entregaron a bárbaros que sin ellos no hubiesen, podido invadirla, desangrándola. El poeta Federico Garcia Lorca, víctima inocente de este crimen, es el más puro y claro ejemplo espanol del martirio de um pueblo entero".

A edição espanhola de suas "Obras Completas", traz como única referência a sua morte: "1936 — Muore".

Entretanto, ele havia cantado:

"Si muero,
dejad el balcon abierto.
El niño come naranjas
(desde mi balcon lo veo).
El segador siega el trigo.
(desde mi balcon lo sientó).
"Si muero,
dejad el balcon abierto".

Sua sepultura tem sido localizada nos mais diferentes pontos da Espanha. Nada se sabe, tudo é mistério, tudo é importante. Do grito de revolta de Bergamín, ao frio depoimento de Franco, fica patente um sentimento, uma preocupação profunda pelo desaparecimento e a atrocidade do atentado à arte.

Mas, se a morte envolve-se em brumas e cheiro acre de torpeza e brutalidade, um enorme clarão é despertado a todo instante pela vida de Garcia Lorca. Sua obra aí está, com uma vitalidade impressionante. O tesouro cultural por ele legado não deixa dúvida, e o mundo se curva diante deste canto gitano de alma espanhola.

Todos conhecem seu nome. Todos identificam seu:

"Verde que te quiero verde
verde viento" verdes ramas,
El barco sobre la mar
y el caballo en la montana"

extraído de seu "Romance Sonambulo" e cantado em toda a parte.

Porém, é ainda muito pouco o que se conhece do cantor dos gitanos, daquele homem loquaz e simpático que sabia concentrar em si todas as forças, fazendo com que se juntassem num mesmo aplauso, na mesma emoção as forças antagônicas da literatura espanhola. Modernista e profundamente popular (sem popularismo), Federico Garcia Lorca construiu uma obra literária que, fundamentada na tradição e no sentimento do povo, subsiste e subsistirá através do tempo com o mesmo vigor.

As circunstâncias trágicas de sua morte, cercaram-no com uma auréola de mito e despertaram um sentimento emocional fácil, que faz com que todos sofram-na e se revoltam com ela, sem uma preocupação mais profunda com sua obra. Todos o exaltam, e a maioria não sabe o porque de sua própria alucinação. Ficam assim desprovidos de uma das maiores fontes de riqueza literária da humanidade.

Seu nome é muito citado, sua poesia é pouco divulgada. Entretanto, nos anos de sua existência, sua vida foi eminentemente de ação. Longe dele, a figura de intelectual

distante e poeireno das bibliotecas. Federico é o poeta que soube resguardar-se da "torre de marfim". Sua preocupação mais profunda era, antes de tudo, a divulgação de sua obra. Para isto, antes mesmo de publicar seus trabalhos, insistia em declamá-los, êle mesmo em recitais, para que pudesse transmitir além das imagens poéticas a riqueza rítmica e sonora de seus poemas. Costumava dizer aos amigos que recitava suas obras para "defenderlas".

Como estas réeitas, que não eram restritas a um pequeno grupo de privilegiados nem se dirigiam a enormes multidões distraídas, atingia os ouvintes que não poderiam deixar de senti-las. Fez assim reviver a poesia em sua forma total de idéia, ritmo e sonoridade

Pela voz do próprio poeta, suas imagens, suas palavras chegavam aos ouvidos deleitados com um rumor humano da Espanha com suas paixões, seu sangue, suas arenas, pois para ele a Poesia "es algo que anda por las calles. Que se mueve e pasa a nuestro lado." Ela brota do povo, e o artista, com as antenas de sua sensibilidade, de seu talento, deve captá-la e transformá-la, devolvendo-a em seguida à sua origem — o povo. Odiava os herméticos, cuja obra fica reduzida a uns poucos "entendidos", denominando-os irônica-mente — "putrefactos".

Quería que seus poemas fossem compreendidos, sentidos por todos. Entretanto, considerava que todo o sentimento poético deve ser filtrado para que se transforme numa obra viva, comunicante. A entrega ao arrebatamento da veia poética não conduz a parte alguma e nada diz. Como o mármore bruto, a poesia necessita do cinzel para que se transforme numa verdadeira forma de comunicação artística. Seja o trágico, o sangue, o suor, o amor, a ternura, o desespero passional ou a quietude, é crucial um trabalho consciente e constante para que consiga fluir uma linguagem comunicativa. Refutou sempre o poeta inconsciente como quem enxota um cão raivoso. Dizia que o mais importante e o mais difícil para o artista é o momento em que ele se debate na correnteza de sua inspiração, porque "es el momento peligroso se el poeta se entrega, porque como lo haga no podrá nunca levantar su obra ni ser maestro de alta emoción y ritmo. Hay veces que dar grandes gritos en la soledad poetica para ahuyentar los malos espíritus que quieren llevarnos a los halagos populares, sin estética y sin orden ni belleza."

García Lorca trabalhava seus poemas, preocupava-se com a harmonia de forma e conteúdo, chegando a demorar mais de um ano a compor alguns deles, embora a inspiração lhe viesse fácil e fluente. O célebre "Romance de la Guardia Civil Española" ocupou-o por cerca de dois anos. Nele harmonizam-se o mitológico gitano e o puramente popular dos dias presentes. O guarda civil chega mesmo à esfera do centurião romano.

"Os cavalos negros são,
As ferraduras são negras.
Por sobre a capa reluzem
manchas de tinta e de cera.
Têm, e por isso não choram,
de chumbo as suas caveiras,
Vêm com a alma envernizada
a estrada eles atravessam.
Fatigados e noturnos,

por onde passam ordenam
silêncios de goma escura
e medos de fina areia.

Ó cidade dos gitanos!

A Guarda Civil se arreda
por um túnel de silêncio

enquanto as chamas te cercam.

Ó cidade dos gitanos!

Quem te viu e não te lembra

Que em minha frente te busquem.

Jogo de lua e areia

Durante todo o tempo de composição de "Romancero Gitano", uma dupla preocupação açoitava-o: queria que seus tipos fossem entendidos pelos próprios gitanos e, ao mesmo tempo, temia ser considerado um "gitanista": "Me va molestando mi mito de gitaneria. Confundem mi vida y mi carácter. No quiero de ninguna manera. Los gitanos son un tema. Y nada más".

Assim era Federico. O artista que cria a obra de arte, não aquele que a ela se mescla. Sua poesia nasceu de pena firme e fiel à sua missão. Como consequência do talento e do trabalho nascem versos que são verdadeiras cantatas:

"La noche se puso íntima

como una pequeña plaza.

perfeita harmonia de som e imagem. Joga com as palavras e com elas compõe o ambiente em que vivem as imagens,

"La luna vino a la fragua

con su polisón de nardos

El niño la mira, mira,

el niño la esta mirando,

onde a conjugação de sons constrói uma verdadeira balada.

Qual o segredo, estranha magia deste verso musical e que não se deixa ficar à superfície da forma? Como esta fusão perfeita sem que se possa desentranhar limites?

García Lorca é o poeta que diz "Amo la voz humana". Nesta afirmação reside o segredo da universalidade de sua obra. Para compor seus versos deveria fazer calar dentro de si todos os rumores da natureza para que "a pobre voz humana" pudesse ser ouvida.

Seu grito de desespero contido diante da morte de Ignacio Sanchez Mejias, o amigo "matador-intelectual", o toureiro morto "a las cinco de la tarde" explode em tom de perplexidade diante do "sangue derramado" no "Llanto por Ignacio Sanchez Mejias" transformado em cantata por Mauricio Ohana.

Dile a la luna que venga

que no quiero ver la sangre

de Ignacio sobre la arena"

Que no quiero verla!

.....

Pero ya duerme sin fin.
Y los musgos y la hierba
abrem on dedos seguros
la flor de su calavera”

O Poeta para quem “viver es convivir” dilatou sua sensibilidade artística a todas as raízes de seu povo. Captou-lhe a ardência, a dramaticidade e a musicalidade dedicando-se paralelamente à poesia, pintura, teatro e música .

Mas é no teatro que consegue realizar plenamente sua poesia. É nele que encontra mais viva a essência de sua Espanha. “El teatro fue siempre mi vocacion. Hé dado al teatro muchas horas de mi vida. Tengo un concepto del teatro em cierta forma personal y resistente. El teatro es la poesia que levanta y se hace humana. Y al hacerse habla, grita llora y se desespera”.

Armado de sua “barraca”, rodeado de estudantes ele professou o teatro como forma de vida. Munido de sua pena e sua poesia ele deixou uma obra apaixonante de colocação popular e profunda força dramática. Nada em seu teatro é gratuito”. Das imagens impressionistas ao diálogo corriqueiro é tudo pesado, medido, funcional. A estrutura dramática delinea-se, desenvolve-se e explode triunfalmente. Suas personagens femininas são fortes como o matriarcado gitano. Parecem vir de uma fixação anterior que se repete, por exemplo na trilogia “Bodas de Sangue”, “Yerma” “Bernarda Alba”. A identificação: Mãe, Yerma, Bernarda é perfeita. Ao mesmo tempo, encontra-se entre a Noiva e Adela, acrescentando-se ainda ao dúbio temperamento de Yerma a mesma flama passional espanhola.

É uma obra de denúncia. Denúncia de uma tradição que oprime e sufoca. Denúncia de que “às raparigas do campo todas as portas estão fechadas” num universo em que sangue e casta honrada se destróem.

Com este temperamento e esta verve não se faz justo que Federico Garcia Lorca receba o simples “culto emocional” de uma morte trágica ou que se converta em mero brasão de uma bandeira de luta. É preciso que seja conhecido em sua profundidade. É preciso que “se levante e vá às ruas”. É verdade que seu grito surdo de “menino assassinado fere ainda os ouvidos do mundo e que tragédia é recente demais, viva demais para que possa ser encarada com serenidade. Mas é importante que este sentimento não tolde a verdadeira significação de sua obra dentro do panorama cultural da humanidade. Porque Garcia Lorca é sobretudo o poeta-total que desenvolveu seu poema e estendeu-o numa forma de vivência. Porque sua poesia cantou, subiu ao tablado, caminhou e tomou corpo dentro deste cruento duelo de Amor e Morte em que se debate perplexamente a fragilidade humana.

GARCIA LORCA E O TEATRO

“ — O problema da novidade do teatro está enlaçado em grande parte à plástica. A metade do espetáculo depende do ritmo da cor, da cenografia... Creio que não há, na realidade, nem teatro velho nem teatro novo, mas teatro bom e teatro mau. O novo verdadeiramente é o teatro de propaganda — novo por seu conteúdo —. No que concerne à forma, à forma nova, é o diretor de cena quem pode conseguir esta novidade se tem habilidade interpretativa. Uma obra antiga, bem interpretada, magnificamente decorada, pode oferecer toda a sensação de teatro novo.”

“ — O teatro vem do Romantismo, ao naturalismo e ao modernismo (teatro pequeno de experiência e arte), para cair sempre no teatro poético e de grande massa de público, o “teatro-teatro”, o teatro vivo... Cada teatro seguirá sendo teatro, andando ao ritmo da época, recolhendo as emoções, as dores, as lutas, os dramas desta época... O teatro tem que recolher o drama total da vida atual. Um teatro passado, nutrido apenas com a fantasia, não é teatro. É preciso que apaixone, como o clássico — receptor do latido de toda uma época —”

“ — Caminhos novos há para salvar o teatro. Tudo está em atrever-se a caminhar por eles”

“ — ... “Os credos e as escolas não me preocupam. Não tenho nenhum interesse em ser antigo ou moderno, mas ser eu, natural. Sei muito bem como se faz o teatro semi intelectual, mas este não tem importância. Em nossa época, o poeta tem que abrir suas veias para os outros. Por isto eu... entreguei-me ao dramático que nos permite um contato direto com as massas.”

— “As peças são feitas para sentir-se no teatro. Devem durar enquanto dura a representação, e basta. Se amanhã o público deseja uma réplica, significa que é possível reviver ainda uma vez, ou vinte vezes ou cinquenta vezes; mas depois termina. O teatro é belo por isto; porque apenas creado, desvanece. É a arte do momento; é fincado sobre a areia”.

“Um povo que não ajuda e não fomenta seu teatro se não está morto está moribundo; como o teatro que não recolhe a pulsação social, a pulsação histórica, o drama de suas gentes e a cor genuína de sua paisagem e de seu espírito, com riso ou com lágrimas, não tem direito a chamar-se teatro...”

“MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO”

Reencontrar Lorca é reencontrar a própria essência do teatro universal através da experiência viva do poeta maior. Ao completar sete anos de trabalho ininterrupto e altamente produtivo, o GRUPO DIVULGAÇÃO volta os olhos nas palavras de seu dístico " MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO " buscando, no momento, fazer uma reflexão profunda sobre a caminhada encetada.

YERMA é mais um desafio e seguramente mais uma promessa cumprida. Com Garcia Lorca nos lançamos frente ao público de Juiz de Fora e com êle voltamos a afirmar uma crença, professada dia a dia, na grandiosidade do teatro e na maravilha configurada dentro da alma humana, a no seu sentido mais profundo. No encontro de um verdadeiro teatro universitário fruto de amor e trabalho.

José Luiz Ribeiro

Como velho combatente da grande causa do teatro brasileiro, louvo este grupo de Juiz de Fora, comandado pela perseverança do idealismo, inteligência e trabalho do José Luiz. É ele um dos melhores diretores jovens do nosso país. Todos os espetáculos que assisti do " DIVULGAÇÃO " aqui, em Niteroi, no Rio, sempre me impressionaram pelas suas qualidades de direção, interpretação e montagem. Se minha voz pudesse encontrar eco em Juiz de Fora, faria um apelo às autoridades desta bela cidade, universitárias, municipais, que o ajudassem de tal maneira que num futuro próximo, José Luiz e seu grupo possam ter sua própria casa de espetáculos, com cem ou duzentas poltronas. Tenho certeza que a gente generosa e entusiasta de Juiz de Fora através de todas as suas classes, o ajudará na realização desse sonho que enriquecerá o panorama cultural de Juiz de Fora, Minas Gerais e do Brasil.

Paschoal Carlos Magno

O TEATRO NA REPÚBLICA ESPAÑHOLA

“LA BARRACA é novo’ É o mais novo gesto da Espanha no sentido do estabelecimento das artes como uma força ativa na vida da República. A palavra é costumeiramente aplicada às bancas de feiras. Mas esta barraca será estranhamente versátil, andando sobre rodas e viajando pelo campo até decidir parar num lugar, armar sua casa em praças e nos mercados de cidades, vilas, ao longo de toda a Espanha. Porque esta barraca é um empreendimento teatral estabelecido pelo governo por estudantes da Universidade de Madri que estão planejando reviver os antigos clássicos espanhóis e produzir peças novas e experimentais”.

O projeto foi anunciado em dezembro com toda a imprevisibilidade que conduz os atos oficiais da nova República Espanhola. Ninguém acreditou nele, mas um de seus espíritos condutores é Federico Garcia Lorca, e ninguém, que conheça os modos sociáveis deste jovem poeta pode deixar de imaginar a cena em que o plano foi provavelmente desenvolvido — um café de Madri, depois da meia noite, fumaça azul embaçando as luzes, um grupo de estudantes em torno de uma mesa com tampo de mármore, diante de altos copos de café com leite, todos eles explodindo de idéias, conversando ao mesmo tempo até que, gradualmente a conversação e a atenção focalizam-se em teatro, as coisas que García Lorca estava dizendo sobre isto, a possibilidade de ter o seu próprio teatro.

Mas, isto é muito mais do que uma amostra do entusiasmo da meia noite. Foi aprovado pela República como uma parte integrante de seu plano de educação, recebeu a garantia do Ministro da Educação e a subvenção

estatal de três milhões de pesetas para cobrir as despesas. Os gastos serão limitados à compra do material necessário, às produções, pois nenhuma das pessoas engajadas no empreendimento será profissional ou receberá salário. Todas elas serão estudantes ou amigos da idéia. O presidente do quadro de diretores será o presidente da União Espanhola de Estudantes.

O projeto será centralizado inicialmente em Madri. Seus idealizadores esperam que se espalhe daí para outras universidades espanholas como a de Granada, Sevilha, Salamanca, Barcelona. “La Barraca”, diz o Senhor García Lorca, explicando o empreendimento. “será, na realidade, duas barracas; uma permanente, em Madri, localizada, de preferência num parque público, onde peças serão apresentadas enquanto os estudantes estão em aulas, durante o inverno; a outra, a barraca volante, a caravana de teatro, irá rodando através dos arredores de Madri, penetrando por La Mancha nos fins de semana feriadados. E no verão percorrerá a Espanha. Teremos um ônibus para os atores e um caminhão com duas tendas: uma para homens e a outra para mulheres. Este corregerá também o cenário. Os estudantes farão todo o trabalho — estudantes de arquitetura construirão as barracas e irão conosco na caravana para montar o palco e a platéia, estudantes de Filosofia colaborarão com o grupo de poetas no comitê executivo.

Eu mesmo estarei escrevendo coisas novas e ajudando com as antigas. Assim também o fará, Vicente Aleixandre, nosso crítico, todo serenidade e senso de equilíbrio. E Manolo Altolaguirre, o anjo de La Barraca que irá ao Amazonas para escrever um poema. E Luis Cernuda e muitos outros.

“O teatro é especialmente adaptado para fins educacionais aqui na Espanha. Ele costumava ser o mais importante dos meios de instrução popular, troca de idéias entre o povo. Nos tempos de Lope de Rueda havia justamente este teatro sobre rodas que estamos planejando agora. Ele ia a todas as vilas, e montava todas as famosas peças antigas que os estrangeiros acham tão maravilhosas e que são tão pessimamente negligenciadas na Espanha. Fora de Madri hoje, o teatro, que é em sua própria essência uma parte da vida do povo, está quase morto e o povo sofre submisso como se ele tivesse perdido os olhos ou os ouvidos ou o sentido do gosto. Nós iremos devolvê-lo a eles nos termos em que eles estavam acostumados a conhecê-lo, com as mesmas peças que eles costumavam amar. Nos lhe daremos também peças, peças de hoje, em montagens modernas, explicadas antes de maneira simples e apresentadas naquela extrema simplicidade que será necessária para o sucesso de nosso plano e que faz o teatro experimental tão interessante.

Nós iremos tentar todas as espécies de coisas inicialmente, e gradativamente trabalhar a forma e a técnica que tiver melhor resposta. Por exemplo, nós pretendemos montar o famoso “El magico prodigioso” de duas maneiras, em duas noites sucessivas: — a primeira, tradicional, realista, a segunda, simplificada, estilizada, tão nova quanto as mais recentes experiências e tão antiga quanto a mais antiga técnica de encenação e gestão. Nós observaremos para saber qual delas a platéia prefere.

Planejamos ajustar os preços à platéia, também, aceitar convites de apresentações para os ricos de uma cidade e, nas noites seguintes, cobrar pouco ou nada de forma a qua os trabalhadores possam assistir”.

TEATRO PARA O POVO

E na Espanha existe La Barraca, da qual García Lorca me falou tantas vezes com o seu entusiasmo, como o sol que queima sua terra granadina, dizendo-me:

“— La Barraca para mim, é toda a minha obra, a obra que me interessa, que me dá ilusão, mais ainda do que minha obra literária, visto que por ela, muitas vezes, deixei de escrever um verso ou de concluir uma peça, entre elas “Yerma”, que já teria terminado se não tivesse interrompido para lançar-me pelas terras de Espanha, numa destas estupendas excursões do “meu teatro”. Digo meu, apesar de não dirigi-lo sozinho. Compartilhamos a direção com Eduardo Ugarte, o colaborador de López Rubio, na bela peça “De la noche a la mañana”, premiada no concurso teatral. Mas, a verdade é que o quem o dirige sou eu, e Ugarte é meu controle. Eu faço tudo; ele observa tudo e vai me dizendo se está bom ou mal e eu sempre faço caso de seu conselho, porque sei que é sempre certo. É o crítico que todo artista necessita levar sempre consigo. La Barraca é uma empresa admirável, quase única. É um teatro universitário e, ainda que haja análogos nas universidades de Oxford, Cambridge, Columbia e Yale, e creio que também

nas da Alemanha, não tendo notícia de que existam na França nem nas de outros países, digo quase único, não só pela qualidade dos espetáculos que oferece, mas também pelo fervor, a disciplina, o entusiasmo, a coesão, o sopro de arte que anima todos os seus componentes. Como cenógrafos, tenho a colaboração dos melhores pintores da escola espanhola de Paris, os que aprenderam a mais moderna linguagem da linha ao lado de Picasso. Todos os seus intérpretes são estudantes universitários da Universidade de Madri, e os selecionamos depois de uma série de provas escaladas.

E é à mercê de todo este trabalho prévio que temos podido montar os espetáculos extraordinários que temos feito, reconhecidos pelos mais reputados e mais exigentes críticos da Espanha. Durante um ano e meio de trabalho, que é o que levamos realizando, montando oito entremeses de Cervantes, várias obras de Lope de Rueda, “Fuente Ovejuna” de Lope de Vega “La vida es sueño” de Calderón, íntegra e tal como o autor queria que se montasse, “El burlador de Sevilla” de Tirso e algumas outras. E é curioso o íntimo prazer, a atenção recolhida dos aldeões, que pagariam o que fizesse o menor ruído e lhes fizesse perder uma palavra, com que, nos povoados mais atrasados da Espanha, se escuta nossas representações, que são a, fiel e revivida versão de nosso teatro clássico. Há só um público que temos podido comprovar que não nos é afeito: o intermediário, a burguesia frívola e materializada. Nosso público, os verdadeiros captadores da arte teatral está nos extremos: as classes cultas, universitários ou de formação intelectual ou artística espontânea, e o povo, o povo mais pobre e mais rude não contaminado, virgem, terreno fértil a todos os estremecimentos da dor e a todas as voltas da graça. Bem, é certo que para fazer isto gozamos de uma subvenção, de uma grande subvenção que, sem pagar a ninguém, porque ninguém ganha um centavo, nos permite montar as obras a todo custo. Uma subvenção que é o motivo principal por que apresso minha viagem de regresso: por temor de que a troca de Governo tire-a de nós. Ainda que pensando bem não creio que isto suceda, porque, que Governo, qualquer que seja sua orientação política, vai desconhecer a grandeza augusta do teatro clássico espanhol, de nosso maior timbre de glória e não vai compreender que é o mais seguro veículo da elevação cultural de todos os povos e de todos os habitantes de Espanha,” (1934).

Aos cinco de junho deste ano teriam se completado setenta e cinco anos de vida do poeta maior da Espanha — Federico García Lorca, não falasse mais alto que sua voz de coloração gitana as metralhadoras da opressão.

“Muerto Cayó Federico” a dezenove de agosto de 1936, “numa certa madrugada”, provavelmente junto a um barranco entre Viznar e Alcafar. E em setembro os meninos vendedores de jornais gritavam pelas ruas de Madri: “Federico García Lorca! Federico García Lorca! Fusilado em Granada!”

AGORA É FÁCIL!

**FINANCIAMOS
OS PNEUS PARA
O SEU CARRO
EM ATÉ
12 MESES**

**OU EM
4
PAGAMENTOS SEM
ACRÉSCIMO**

**VULCANIZAÇÃO
SOROCABANA**

**PRACA DA
REPÚBLICA, 83
2-4547
TEL. 2-5100
2-1047**

YERMA

YERMA é uma tragédia em 3 atos e seis quadros. Foi estreitada no Teatro Espanhol de Madri pela companhia Margarida Xirgu a 26 de dezembro de 1934 com cenários de Sigrid Burman.

É a segunda peça de uma trilogia: "Bodas de Sangue", "Yerma" e "A Casa de Bernarda Alba".

Segundo Lorca, "Yerma é uma tragédia de ponta a ponta; com um coro e tudo o que comporta este gênero. Do momento em que os personagens começam a falar, adivinha-se que se vai passar alguma coisa de sério, de grandioso."

"Yerma não tem argumento. Yerma é um caráter que se desenvolve no decorrer dos seis quadros que compõem a peça. Sendo uma tragédia, introduzi em Yerma um coro que comenta os acontecimentos, ou o tema da peça. Notai bem, eu disse, — o tema. Eu repito que não tem argumento. O público, muitas vezes, pensará que tem, mas é uma pequena armadilha. Ah! Os atores não falam com naturalidade. Nada de naturalidade. Algum póster me censurará. Se houver censura, que eu seja o responsável, o único responsável".

"Uma tragédia autêntica. Yerma será a tragédia de uma mulher estéril. O tema, como você sabe, é clássico, mas quero que tenha um desenvolvimento e uma intenção novos. Uma tragédia com quatro personagens principais e coros, como devem ser as tragédias. Há que voltar à tragédia. Nos obriga a isto a tradição de nosso teatro dramático. Tempo haverá de fazer comédias e farsas. Enquanto isto quero dar ao teatro tragédias."

Sobre a peça, afirma Jacques Lassaigne: "Yerma é, talvez, de todas as peças de Federico Garcia Lorca, aquela que consegue o maior equilíbrio entre os elementos poéticos, plásticos e dramáticos. Federico não pôde renunciar, isto seria impossível, a uma concepção poética do teatro. Mas ele se consagrou, à sua maneira, e também a uma busca de um teatro puro. Na corrente mesma de sua inspiração dramática, torna-se necessário conter os "élans" do poeta lírico. Salvo em casos de menor importância, ele consegue manter suas obras sobre o controle de um desenho dramático servido de uma marcante economia de palavras".

"Ao escrever Yerma, F.G.L. foi mais longe em sua tentativa de criar uma nova forma da tragédia. Atual e de todos os tempos, sua personagem incarna um dos dramas mais dolorosos da espécie humana, encontra em toda a sua exigência o problema essencial de sua razão de nossos desesperos. Lorca exprime este drama numa linguagem feita de palavras concretas, imagens encarnadas, substância viva em sua verdade criada."

fios & máquinas
em tapeçaria
tece-lã
tricô & crochê
os melhores cursos da cidade
máquinas Elgin Brothers

matriz:
floriano peixoto, 788
fone: 2-5071
filial:
gal. itala, loja 10
fone: 2-6316

DA MÚSICA DE MAURÍCIO TAPAJÓS

Do Maurício Tapajós de "JOÃO AMOR E MARIA" ao compositor de PESADÉLO existe uma longa jornada que se revitaliza a cada composição e assume um amadurecimento trabalhado durante todos estes anos.

A música de Maurício Tapajós assume seu papel com uma função social, na mais alta esfera que se atinge num trabalho executado por um artista consciente.

Fruto de uma estruturação puramente brasileira, onde o som das modinhas o embalaram e a cultura brasileira deu todo o seu vigor, o trabalho de Maurício prima pela riqueza melódica.

Este é o seu terceiro trabalho para um espetáculo teatral. Com Hermínio Bello de Carvalho fez "João Amor e Maria", que teve sua importância marcada como a primeira ópera popular brasileira.

Para o extinto TU ele realizou a música de "O Coronel De Macambira", uma sequência de ritmos com coloridos do Bumba-Meu-Boi.

Agora chegou a vez de Lorca, um poeta recriado, a música de Maurício passou a dar um colorido novo aos versos do poeta espanhol, por si só, tão musical.

Uma música intemporal, buscando uma aproximação à nossa cultura e procurando, na universalização, um desdobramento do sentido profundo que uma obra representa.

YERMA, montada pela Divulgação, com música de Maurício Tapajós é uma projeção da obra, percebida pela sensibilidade de um músico de categoria. Da cantiga de ninar, que dá início ao texto à canção da Romaria, Maurício compos sem se ligar a uma linha rígida. Fez boleros, valsinhas e até um samba, que as lavadeiras cantam, a experiência é nossa, numa posição que o próprio Lorca assumiu, quando dirigia um teatro universitário.

E Maurício volta a ter contacto com JF e a dar prova do seu talento num mundo em que o PESADÉLO ameaça homens como Lorca.

Olynto P. de Almeida
cumprimenta o Grupo Divulgação

Opiniões

Fazendo das palavras de Garcia Lorca, poeta maior de Espanha, **"MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO"**, o lema de seu trabalho, o GRUPO DIVULGAÇÃO tem crescido ao longo destes anos.

No mês em que comemora sete anos de atividades ininterruptas, numa opção consciente pelo teatro amador, buscando um aprimoramento constante de suas realizações, o DIVULGAÇÃO recebe com amor as palavras de carinho de grandes nomes do Teatro Brasileiro:

"O GRUPO DIVULGAÇÃO é um grupo ímpar, o trabalho que desenvolve só é permitido a quem esteja fadado a grandes realizações, no campo da renovação e do futuro. Seu espírito está ao lado de grandes grupos, como o Teatro Duse, por exemplo, tem uma função muito maior do que a de realizar espetáculos. Grupo reafirma em mim a fé num trabalho honesto, limpo e consciente" (Paschoal Carlos Magno).

"Um repertório deste gabarito, é muito raro ver dentro de grupos brasileiros. Eu nunca poderia imaginar encontrar um Grupo assim em Juiz de Fora. Este trabalho só encontra similar em um grupo brasileiro, o Tablado. O DIVULGAÇÃO - motivo para colocarmos JF em nossa rota, quando passando por Minas". (Walmir Ayala).

"Um trabalho muito sério e um repertório que eu escolheria como uma série de obras de grande gabarito". (Maria Jacinta).

"Mas que repertório, isso é muito bom". (Flávio Rangel).

"Um grupo como esse DIVULGAÇÃO está muito longe de ser um grupo amador" (Festival de Niterói).

"A continuar assim, Juiz de Fora entra para o mapa da cultura brasileira. E fica devendo mais este serviço ao DIVULGAÇÃO, que, desta forma, além de dar teatro à comunidade, promove lá fora a paróquia". (Cosette de Alencar).

"Juiz de Fora recebe o meu aplauso o meu respeito em possuir amadores de tão alto nível como o GRUPO DIVULGAÇÃO. (Carlos Faya).

"TOP FOR THE BEST"
chanam chopp
discotheque
av. getúlio vargas, 707
juiz de fora

Grupo Divulgação

Premiações

- 1966 — FESTIVAL DE ARTE DA UFJF
— prêmio de declamação, categoria: grupos
- 1967 — MINI FESTIVAL DE TEATRO — PRÊMIO CAIT (Centro Autônomo de Incentivo Teatral)
premiações referentes ao espetáculo "Cancioneiro de Lampião"
— Melhor Grupo 67
— Melhor Espetáculo 67
— Melhor Figurino 67
— Melhor Música de Teatro 67 (Sueli Costa)
— Prêmio Atriz Revelação (Beatriz Martins: "Maria Bonita")
- 1968 — FESTIVAL DE ARTE DA UFJF
— Prêmio de declamação, categoria: grupos
— Prêmio de declamação individual: 1º e 2º lugares duas Menções Honrosas
- 1970 — PRÊMIO MUNICIPAL DE TEATRO
— Melhor Grupo, pelo trabalho de difusão cultural
— Melhor ator: José Luiz Ribeiro (Arnolfo: "Escola de Mulheres")
— Melhor diretor: José Luiz Ribeiro, (por conjunto de trabalhos)
— Melhor ator coadjuvante: Pedro Paulo Taucce (Burgomestre: "A Visita da Velha Senhora")
— Melhor Figurino: Lucas Marques do Amaral, por conjunto de trabalhos
— Prêmio atriz revelação: Nelma Sandra G. Fróes (Inês: "Escola de Mulheres")
— Melhor Espetáculo: "Escola de Mulheres"

Crediário Amigão da LOJA NOVA
compre 1 milhão
com 1 cruzeiro de entrada
Roupas para todos
LOJA NOVA
o crediário amigão da cidade
Av. Getúlio Vargas, 488

RITZ SALÃO
Salão de Beleza
corte, penteados, permanentes,
alisamentos, manicure, pedicure,
cumprimenta o GRUPO DIVULGAÇÃO

INDÚSTRIA DE MALHAS AQUARIUS LTDA.
Fábrica:

blusas kacharrel, camisas
cuecas, calcinhas e biquínis

Rua Morais e Castro, 856 a 872

- 1971 — VIII FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DA GUANABARA, promovido pela A.T.A. (Associação de Teatro Amador)
- 2a. colocação no Festival
 - troféu João Caetano, referente à classificação na chave OT
 - troféu João Barbosa: destaque de direção (José Luiz Robeiro)
 - troféu Cacilda Becker: destaque de atriz (Delma Rocha)
 - troféu Jaime Costa, destaque de ator (Jairo Schmidt)
 - troféu Calixto Cordeiro, destaque de figurino (José Luiz Ribeiro)
 - troféu Santa Rosa: destaque de cenário (José Luiz Ribeiro)
 - troféu Glauce Rocha: destaque de coro e direção musical
- PRÊMIO MUNICIPAL DE TEATRO
- Melhor Grupo, pelo trabalho de difusão cultural
 - Melhor atriz: Léa Maria Clifford Kegele (Maria Stuart: "Maria Stuart")
 - Melhor figurino: Lucas Marques do Amaral ("Maria Stuart")
 - Prêmio ator revelação: Jairo Schmidt (Mortimer: "Maria Stuart")
 - Melhor Espetáculo: "Maria Stuart".
- 1972 — I ENCONTRO NACIONAL DE TEATRO JOVEM, promovido pelo Governo do Estado do Rio
- Melhor espetáculo
 - 1ª. COLOCAÇÃO NACIONAL — troféu SESQUICENTENARIO DA INDEPENDÊNCIA ("A Morta" de Oswald de Andrade)
 - troféu João Caetano: Melhor Atriz Coadjuvante (Leda Maria Nagle)
- PRÊMIO MUNICIPAL DE TEATRO
- Melhor ator: José Eduardo Lessa Arcuri (Eufêmia: "O Patinho Torto")
 - Melhor ator coadjuvante: Pedro Paulo Taucce (Hierofante: "A Morta")
 - Melhor atriz coadjuvante: Nelma Sandra G' Fróes (Iracema: "O Patinho Torto")
 - Prêmio Atriz Revelação: Leda Maria Nagle (A Outra de Beatriz: "A Morta")
 - Prêmio Ator Revelação: Luiz André Defilippo (Bibi: "O Patinho Torto")
 - Melhor diretor: José Luiz Ribeiro, (por conjunto de trabalhos)
 - Melhor figurino: Lucas Marques do Amaral ("O Patinho Torto")
 - Melhor espetáculo: "A Morta".

MODAS JENNY
cumprimenta
o Centro de Estudos Tetrais

Agradecimentos

Engenheiro João Martins Ribeiro
Magnífico Reitor da UFJF

Dr. Almir de Oliveira
DD. Diretor do CDDC

Economista José Ventura
DD. Secretário Geral da UFJF

Jornalistas e Radialistas
Juizforanos e a todos que
compreendem que

“MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO”

Sob os Auspícios da UFJF

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS Promo-
ve e GRUPO DIVULGAÇÃO Apresenta

YERMA

Participam:

- Yerma
- João
- Maria
- Victor
- Velha Pagã
- 1º Rapariga
- 2º Rapariga
- Lavadeiras
- Virgínia Dias Calaes
- José Eduardo Lessa Arcuri
- Léa Maria Kliford Kegele
- Luiz Augusto Egypto de Cerqueira
- Maria Lúcia C. da Rocha Ribeiro
- Angela Maria de Carvalho e Cavalcanti
- Nelma Sandra Gonçalves Fróes
- Maria Imaculada M. Lima, Maria José R. Silva, Sandra Emilia S. Costa, Beatriz Coelho Silva, Sônia Neves Boechat, Rita de Cássia V. Pena, Cristina Brandão, Cecília Brandão, Maria Lúcia Lopes, Gláucia L. e Silva, Candida Knopp e Virginia Paes
- 1º Cunhada
- 2º Cunhada
- Dolores
- Velha
- 1ª Mulher
- Dança e coro
- Maria Auxiliadora de Oliveira
- Berenice P. de Paula
- Maria Imaculada Medina Lima
- Cecília Brandão
- Maria José Ribeiro da Silva
- José Alberto, Sérgio Arcuri, José Mourão, Gabriel Pimenta, Xiko Teixeira, Nelson Bispo, Nelma Sandra Cristina, Beatriz, Maria Lúcia, Rita de Cássia, Sônia.

- Violões:
 - Flauta:
 - Arranjos musicais:
 - Direção Musical:
 - Cenário:
 - Figurino:
 - Iluminação:
 - Contra-regra:
 - Sonoplastia:
 - Música:
 - Texto:
 - Tradução
 - Direção
- Josimar Eustáquio, Beremice, Maria José, Cecília, Virgínia Paes, Maria Auxiliadora, Maria Imaculada,
 - Carlos Augusto Gomes, Domingos Teixeira, Márcio Itaborai.
 - Genival de Carvalho e Oliveira
 - Lisieux Costa
 - Sandra Emilia Costa
 - José Eduardo Arcuri
 - Maria Lúcia C. da Rocha Ribeiro
 - Julieta Gonçalves
 - Angela Cavalcanti e Virgínia Paes
 - Luiz André de Filipo
 - Maurício Tapajós
 - Federico García Lorca
 - Cecília Meireles
 - José Luiz Ribeiro



presentes finos — jóias e relógios
 porcelanas — pratarias — cristais
 halfeld, 799

GRUPO DIVULGAÇÃO

TRABALHOS APRESENTADOS

Espectáculos antológicos:

- amor em verso e canção
- o homem do século XX
- antologia da mulher

Apresentações Didáticas:

- morte e vida severina
- coral universitário
- belmiro, murilo, pedro nava
- camões

Departamento de Teatro Infantil:

- a onça de asas
- walmir ayala

Outros Espectáculos:

- cancionero de lampião
- o urso
- bodas de sangue
- electra
- diário de um louco
- pequenos burgueses
- a visita da velha senhora
- escola de mulheres
- escurial
- romanceiro da inconfidencia
- maria stuart
- a morta
- o patinho torto
- yerma
- nertan macêdo
- anton tchecov
- federico garcia lorca
- sófocles
- nicolai gogol
- máximo górkí
- friedrich durrenmatt
- molière
- michel de ghelderode
- cecília meireles
- friedrich von schiller
- oswald de andrade
- coelho neto
- federico garcia lorca